

Entrevista com Aguas de Portugal
Com quality media press para Expresso

Pedro Cunha Serra

Presidente

Quality Media Press - quais os principais objectivos que tem a empresa?

R. - A empresa tem objectivos internos e externos. Como objectivos internos sanear algumas situações mais delicadas que temos encontrado, nomeadamente a dívida dos utilizadores às diferentes empresas do grupo. Objectivos externos têm haver com as obrigações de serviço público, com a colaboração que temos prestado ao governo (ministro do ambiente) na definição do novo enquadramento para as actividades de gestão de sistemas municipais de abastecimento de águas residuais e resíduos sólidos urbanos.

Q. - Quais a linhas principais do plano estratégico para 2007/2013?

R. - As linhas principais têm haver com a possibilidade do aprofundamento das parcerias com as autarquias tendo em vista a resolução dos problemas que subsistem na prestação do serviço às populações. O segmento da actividade em alta, a prestação dos serviços grossistas às autarquias estará concluído num prazo muito curto, que é o núcleo principal da actividade da empresa Aguas de Portugal. O que estivemos a fazer foi analisar em que condições poderíamos em colaboração com as autarquias encontrar soluções para esses problemas tendo em vista a melhor afectação financeira do próximo quadro comunitário de apoio que vai de 2007 a 2013.

Q. - Como acha que está o nível de relacionamento entre os espanhóis e os portugueses a nível de colaboração?

R. - O nível de colaboração é muito bom, tem-se reforçado nos últimos anos e particularmente em 2006 devido ao encontro dos ministros do ambiente de Portugal e Espanha, tendo em vista a procura de soluções equilibradas que acautelem os interesses de ambos na gestão dos recursos hídricos. Há uma convenção desde o ano de 2000 que é a convenção de Albufeira e brevemente vai haver mais uma reunião em Lisboa para fazer o balanço e programar os próximos meses.

Q. - O que se pode fazer por parte de Portugal para racionalizar o consumo de água o melhor possível?

R. - Nós durante todo o ano hidrológicos de 2004/2005 promoveram um conjunto de medidas tendo em vista a redução dos consumos, que tiveram um impacto real. O que nós podemos analisar e estamos no mês de Abril é que essa redução não foi meramente conjuntural e continua a verificar-se uma redução dos consumos. O ano passado houve uma redução de 8% no consumo e continua a haver dedução em 2006. Pensamos que é uma tendência que evidencia varias coisa, entre elas a consciência por parte dos consumidores e da população em geral.

Q. - Tem que ser feitos mais esforços no que se refere ao preço da água ou o sistema actual é eficaz?

R. - Temos que fazer esses esforços, porque a própria sustentabilidade financeira das entidades gestoras possam ter condições para trabalhar de forma sustentada, para fazer os investimentos de manutenção dos sistemas e cobrirem todos os seus custos operacionais. Em muitos casos as autarquias já fizeram uma aproximação das tarifas aos custos reais. Não é sustentável continuar a financiar através dos orçamentos municipais estes serviços sobretudo quando os encargos assumem uma nova dimensão dos investimentos que estão a ser realizados. No que diz respeito ao saneamento de águas residuais em cerca de 60 autarquias ainda não é feita a cobrança de qualquer receita.

Q. - A nível internacional onde pensa que seria uma boa oportunidade investir para continuar a fazer o vosso trabalho?

R. - Nós estamos presentes em vários mercados, sobretudo em mercados de língua portuguesa. No caso angolano nós temos neste momento um contrato de assistência técnica com uma empresa pública com as Aguas de Luanda, a nossa intenção é aprofundar esse trabalho numa perspectiva de maior entrosamento com os responsáveis angolanos para resolver os inúmeros problemas que existem. Há muito espaço para melhorar com custos relativamente reduzidos, melhorando as condições de exploração dos sistemas e introduzindo progressivamente uma beneficiação das próprias infra-estruturas. Estamos a analisar com as entidades angolanas em que condições pode ser feito, sendo certo que os benefícios e o aumento das receitas resultariam de uma gestão mais eficiente das estruturas que hoje existem permitiria reduzir drasticamente o défice operacional de Luanda e criar outras oportunidades de melhoria do serviço prestado às populações.

Q. - Como gostaria de ser recordado na passagem pela empresa Águas de Portugal?

R. - Eu gostaria de ser recordado por ter dado um forte impulso à implementação do plano estratégico de águas residuais. E que no final deste mandato que as Aguas de Portugal fosse uma empresa com uma gestão empresarial muito virada para o serviço publico, mas que

tivesse garantias de sustentabilidade e que não fosse um fardo no orçamento de estado (que hoje não é, mas que poderia vir a ser se não fossem tomadas medidas atempadamente).

Q. - Quer acrescentar algo a esta entrevista que considere relevante?

R. - Só queria salientar que este plano estratégico abre oportunidades de negocio também as entidades privadas que estão presentes neste mercado. O que se pretende é que haja uma mobilização de todos os recursos para a resolução de problemas que são complexos e difíceis. Gostaria de desfazer a ideia de que estamos a ter uma posição de monopólio seguro, não é essa a nossa intenção. Pretendemos que haja clarificação com um espaço reservado para os agentes públicos e os privados.